

L E T D F R A S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva



■ **Paracatu e os caminhos para os Goyazes**

□ Miguel J. Malty

Juro que não me convence, lendo a República, alvejar Platão os poetas e a própria Poesia, atribuindo àqueles fuga de verdade, em razão de serem possuídos pelos espíritos, fazendo-se “criadores de fantasmas”, e à Poesia, mero mimetismo, fundamentado no fato de que as idéias realizadas são meras cópias das próprias idéias por outros materializadas. (“Nihil novi sub solo”, já dissera o mais sábio dos homens, o rei Salomão, meio milênio antes).



A Poesia e os Poetas

Seriam mesmo os poetas do tempo do filósofo meros “eidólou poietés”, manipuladores de feticismo e que nada de evidente na época tinham com os interesses e os destinos da Sociedade? Seria o soberbo filósofo um despeitado em face dos poetas e da Poesia, representada pelas Camenas, fossem Calíope ou Políminia? O criador do *Academos* seria mais um pedagogo do estudo da análise racional-dialética do que mestre autêntico do ensino sensitivo oral, praticado pelos vates ou mesmo menestréis? “Qui lo sá!” A verdade é que Platão os sinetou e baniu da sua decantada República, a sociedade

perfeita, num país imaginário que, como diz Henri Thomas, foi a primeira utopia da História.

Teria tido o pensador de Atenas contato com os escritos de Job, Davi e Salomão, pelo menos, poetas de corpo e alma que positivaram, de maneira cristalina, a autenticidade de idéias, e idéias escatológicas, apocalípticas, em versos rutilantes, dignos dos mais refinados aedos, como seriam Homero e Píndaro?

Antes que os festejados poetas dos centros civilizados do mundo antigo houvessem cantado seus versos; antes que os poetas da Jônia alçassem suas

P
L
A
T
~
A
O

Daniel Marques
(PMDB)



A difícil situação do Teatro Dulcina e da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes é mais um retrato do lamentável abandono a que são relegadas a arte e a cultura no Distrito

Federal e no país. Todos conhecem a batalha incansável dessa guerreira do teatro.

Dulcina de Moraes sempre será exemplo de luta em favor da valorização do teatro e da cultura no Brasil. Ela escolheu Brasília para realizar o sonho de erguer um teatro e uma escola dedicada à arte.

Deixar esse sonho morrer é erro grave. Erro dos organismos governamentais e de toda a sociedade.

Odilon Aires
(PMDB)



O movimento teatral de Brasília pode ser dividido em duas fases distintas. Na primeira, viveu um grande dilema: enquanto tentava escapar da ferrenha censura implantada pelo regime militar, era espremido pela falta de espaço para apresentar seus trabalhos, vivendo mais de favores dos gabinetes do Palácio do Buriti e da Polícia Federal. A segunda foi a vinda da Fundação Teatro Dulcina. Além de fortalecer o movimento, trouxe novas perspectivas. Brasília explodiu e teve o seu primeiro trabalho profissional com autores da cidade: "Gota D'Água", de Chico Buarque. Foi o início da maturidade cultural da cidade.

vozes, um midianita cantou estrofes que as mais elevadas criações do gênio humano não igualam, tal a sua majestade. O livro de Job, pode-se asseverar, é o mais antigo poema registrado que o mundo conhece. "Onde está o caminho da morada da luz?"

Quem não exalta o capítulo 23 do saltério do rei Davi? O famoso Salmo do Pastor? Os poetas gregos Aratus e Cleantes deixaram a significativa quão transcendental assertiva: "Nós somos de estirpe divina", querendo significar que os espíritos, as almas privilegiadas, eram filhos dos deuses... Não primaram todos esses pela Sociedade e o Bem, e da Cultura não foram apologistas, visando ao soerguimento da raça?

Nas suas andanças pelo Egito, aonde foi colher o mel da autêntica sabedoria, não teria logrado Platão conhecimento do Hino de Akenaten, o faraó monoteísta, cântico que muito se assemelha ao salmo 104 do saltério judaico, que pretendem alguns estudiosos seja todo baseado na poesia egípcia?

Afirmam historiadores que Platão, dotado do dom da oratória, usava expressões poéticas, e Túlio diz: "Se os deuses quisessem falar a linguagem dos homens, empregariam a de Platão". Ora, por que investia o discípulo de Heráclito e seguidor de Sócrates contra os poetas e a Poesia? Valiam-lhe só a Geometria e a Matemática, ele que aliou a Filosofia à Religião? Ele que se embrenhou em especulações metafísicas e admitia a existência de Deus como causa primeira não causada? Que diremos da teodicéia do genial pensador da Hélade, nos seus ardentes anseios do celeste Eros? Não é, porventura, Deus o Poeta Maior (Poietés), o genuíno Criador? Valia-lhe só a "gnosis" como parâmetro do "ethos", expondo-se à

posição de exagerado personalista? Teria ficado o laureado filósofo da antiga Jônia sob o pátio de um falso intelectualismo helênico, causador de uma perigosa hipertrofia da própria personalidade?

Afinal, contra que classe de poetas e contra que realidade de poesia investiu o iluminado filósofo da Ática?

A verdade é que o próprio Aristóteles via-se, às vezes, incapaz de compreender o misticismo de Platão. Inegável é que as doutrinas políticas e sociais do glorificado filósofo estenderam-se não só além de sua época, mas alcançaram o nosso tempo e vão além... Os seus ditados nos arrebatam para problemas que dizem respeito a uma única razão do seu pensar: seu anseio forte e consciente de ver na Terra reinar a Justiça. Mesmo assim o festejado filósofo grego, "com todo o seu saber, não igualou os chineses, os hindus e os profetas hebraicos, em sua visão". (Henri Thomas).

Foi, porém, Platão, o sacerdote da Beleza. Uma vida de justiça, uma vida de amor, uma vida de beleza! Eis a síntese da filosofia platônica, que ainda nos empolga. Mas Dionísio, em face do radicalismo do filósofo, vendeu-o como escravo. Resgatado por seus discípulos, voltou para Atenas onde, com 81 anos de idade, numa festa bulhenta, morreu.

Parafraseando Sócrates, a quem o oráculo de Delfos proclamou o mais sábio dos gregos, digo: "Amicus Plato sed magis amicas... Poiesis!"

Miguel J. Mally, jornalista e escritor

